

caderno de retorno

## **A Encruzilhada do Marxismo com a Tradição Radical Negra: resenha da edição brasileira de “Marxismo Negro”, de Cedric Robinson**

**La Encrucijada del Marxismo y la Tradición Radical Negra: Reseña de la edición brasileña de “Marxismo Negro”, de Cedric Robinson**

**The Marxism and the Black Radical Tradition Crossroads: Review of the Brazilian edition of “Black Marxism”, by Cedric Robinson**

**Daniel Vitor de Castro<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: danielvitorcastro@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6273-6545>.

Submetido em 31/07/2023

Aceito em 14/01/2024

### **Como citar este trabalho**

CASTRO, Daniel Vitor de. A Encruzilhada do Marxismo com a Tradição Radical Negra: Resenha da edição brasileira de “Marxismo Negro”, de Cedric Robinson. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 847-857, jan./jun. 2024.

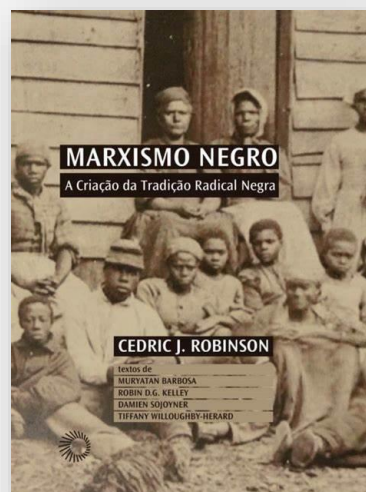
**insurgência**

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 10 | n. 1 | jan./jun. 2024 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## A Encruzilhada do Marxismo com a Tradição Radical Negra: resenha da edição brasileira de “Marxismo Negro”, de Cedric Robinson



ROBINSON, Cedric J. *Marxismo Negro: A criação da Tradição Racial Negra*. Tradução de Fernanda Silva e Sousa, Caio Neto dos Santos, Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 2023.

Chega, enfim, ao Brasil, edição, traduzida para o português, da obra “Marxismo Negro: A criação da Tradição Radical Negra”, de Cedric Robinson. Publicada pela editora Perspectiva e com tradução feita por equipe composta por Fernanda Silva e Sousa, Caio Neto dos Santos, Margarida Goldsztajn e Daniela Gomes. O livro foi originalmente publicado nos Estados Unidos em 1983, com edições de 2000 e 2020 e uma edição espanhola de 2021, que cito aqui pela maior proximidade ao público brasileiro, que reafirmo desde minha experiência de ter tido um primeiro contato com a edição em inglês, posterior revisão facilitada pela edição em espanhol e agora com a oportunidade de reler a obra, enfim, em português brasileiro.

A “Apresentação à edição brasileira”, feita por Muryatan Barbosa cumpre a função de ressaltar as contribuições principais da obra: as categorias de “capitalismo racial” e “tradição radical negra”.

A edição brasileira vem com indispensável Prólogo, de Robin D. G. Kelley, que atualizou sua participação na primeira edição. Indispensável, reitero, pois Kelley faz o trabalho de contextualização da obra, tanto da época de sua primeira publicação quanto em como as contribuições de Robinson mobilizaram debates e ações políticas de lá para cá. Robin Kelley que nesse meio tempo publiciza “*Freedom Dream: The Black Radical Imagination*” (2002), participa da coletânea “*Futures of Black Radicalism*” (2017), organizada por Gaye Theresa Johnson e Alex Rubin, em homenagem à obra de Cedric Robinson, e ainda ministra formações políticas para o MST, na Escola Florestan Fernandes, em 2015 e 2017. O texto de

Kelley apresenta, sintetiza e faz verdadeira contribuição à obra, sendo dessas clássicas introduções que se fundem organicamente ao todo do texto. Nele, o autor já orienta que "Marxismo Negro" não é um livro sobre marxistas negros, nem sobre como a intelectualidade negra contribuiu ao marxismo pelas suas análises sobre raça e racismo, mas sim sobre como o marxismo foi o caminho que formou uma intelectualidade negra e que ao se encontrar com a tradição do radicalismo negro tiveram que, em maior ou menor medida, debater ou romper com o próprio marxismo. Resolvendo muito da confusão que o título pode causar ao leitor desavisado, Kelley já antecipa que não é um texto marxista, mas que também não se rebaixa ao antimarxismo, é, pois, um contributo de "crítica dialética do marxismo" desde a particularidade da, assim chamada por Robinson, Tradição Radical Negra.

O próprio Cedric Robinson introduz em seu prefácio à edição de 2000 que "o marxismo negro não era uma confrontação entre o marxismo e a tradição, nem uma revisão. Era uma nova perspectiva centrada em uma teoria da corrupção cultural da raça" (Robinson, 2023, p. 73). Mas o que é então "este" Marxismo Negro?

Robinson defende a tese de que existe um giro na forma de determinada intelectualidade negra trabalhar com as categorias marxistas a partir de seu encontro com uma "tradição radical negra". A experiência histórica de lutas negras, e suas particularidades, produz um redimensionamento da leitura de marxistas negros e negras tanto do próprio marxismo, quanto da realidade em si.

No século XX, quando pensadores radicais negros tinham adquirido novo hábitos de pensamento, alguns deles preconcebidos, consonantes com as novas condições de seu povo, sua tarefa se tornou, enfim, na revelação da tradição mais antiga. Não é de surpreender que a tivessem descoberto primeiro em sua história, e, finalmente, em tudo ao seu redor (Robinson, 2023, p. 328).

Para compreender esse movimento de síntese entre o que nomeia de "radicalismo ocidental" e "radicalismo negro", Robinson historicizou as raízes de ambos, e encontra no marxismo o que há de mais radical no "ocidente", tendo sido central para a formação política e teórica de uma intelectualidade negra radical. Porém, enquanto militantes e intelectuais negros e negras, imersos na cultura ocidental e na vida cotidiana de classes trabalhadoras muito diferentes do moderno operariado europeu, essa relação com o marxismo sempre se deu de forma contraditória.

A primeira parte do livro de Robinson, de crítica ao marxismo como uma crítica à modernidade eurocêntrica, defendendo que pouco se sustenta frente às leituras de

Marx - bem sistematizadas por Kevin B. Anderson (2019) em “Marx nas Margens” - sobre a questão irlandesa e a perspectiva de que a “alavanca revolucionária” estaria na colônia e não na metrópole, sobre como a possibilidade real da “revolução escrava” na Guerra Civil dos EUA era o que havia de mais sofisticado e radical na luta de classes de sua época (ponto de vista da obra marxiana inclusive fortemente difundido nos EUA por Raya Duyanaveskaia, principal companheira intelectual e política de C.L.R James, radical negro central na obra de Robinson, tanto que fundaram juntos uma tendência trotskista que carregou os nomes que ambos usavam para assinar textos políticos: Jonhson-Forest. Em “*Marxism and Freedom*” (1958), ela coloca os textos políticos de Marx sobre Guerra Civil nos EUA ao lado de seus textos sobre a Comuna de Paris como os principais contributos sobre a centralidade da “luta de classes” na obra marxiana), e, ainda, sobre a Revolta dos Sipaiois na Índia.

Além disso, ainda que seja importante a compreensão de como a formulação da categoria “capitalismo racial” mobilizou movimentos sociais de negros e negras nos EUA, ela pouco tem a acrescentar ao público brasileiro, já bem fluente na linguagem proposta pela categoria de “racismo estrutural” (Almeida, 2018; Oliveira, 2021) e formado nas obras de Clóvis Moura e Lélia Gonzales. Há muito que os movimentos negros brasileiros mais expressivos se pautam pelo anticapitalismo e partem da leitura da realidade que percebe como o capitalismo no Brasil se objetivou desde as contradições do colonialismo e escravidão, se modernizou com a sofisticação do controle racial e a morfologia da nossa classe trabalhadora se deu no processo mesmo de conformação da raça e do racismo antinegro e do protagonismo da práxis negra antiescravista, anticolonial e antiracista.

Defendo aqui que o grande contributo da obra de Cedric Robinson está na sua extensa arqueologia das lutas negras em diáspora (com boa visibilização das lutas de escravizados e escravizadas brasileiros, já mais atento do que boa parte do que chamamos de “intérpretes do Brasil” e clássicos do pensamento social brasileiro”) e na criativa tese de como a intelectualidade negra encontra no marxismo um método rigoroso para compreensão da realidade de exploração no capitalismo mundial e sensibilidade política para com a “tradição dos oprimidos”. Entretanto, reforça, acertadamente, que a história do marxismo não estava imune ao racismo, nacionalismo e eurocentrismo, o que levou diversos de seus setores a erros trágicos de interpretação e intervenção política. Nas palavras de Robinson:

Parecia-lhes que os marxistas ocidentais, inconscientemente limitados por uma perspectiva eurocêntrica, não podiam explicar nem avaliar corretamente as forças revolucionárias que emergia no Terceiro Mundo. A

metafísica racial da consciência ocidental – o legado de toda uma civilização – impedia que seus companheiros socialistas reconhecessem a influência do racismo no desenvolvimento e nas estruturas do sistema capitalista, e conceitualmente os absolvía de uma investigação mais acurada das categorias do seu própria pensamento (Robinson, 2023, p. 542-543).

Esta síntese entre radicalismo negro e marxismo elevava ambos a um outro nível, ao da encruzilhada com a tradição radical negra: “o desenvolvimento contínuo de uma consciência coletiva impregnada das lutas históricas por libertação e motivada pelo senso compartilhado da obrigação de preservar o ser coletivo, a totalidade ontológica” (Robinson, 2023, p. 328). A percepção de particularidades tanto de organização do capitalismo em realidades estruturadas pelo racismo e colonialismo, quanto de formação cultural dos explorados que herdaram epistemologias e rebeldias próprias de sua origem africana e diaspórica.

Uma tradição que não surgia apenas do domínio colonial e da escravidão capitalista, mas que, como observa Robinson, ao promover uma extensa arqueologia das resistências de escravizados e escravizadas nas Américas e Caribe, teve origens pré-modernas e rearticulações diaspóricas de um povo que carregava consigo sua humanidade por todo o Atlântico, independentemente do quão desumanizadora era sua escravização

As cargas de trabalhadores também continham culturas africanas, mesclas e combinações críticas de língua e pensamento, de cosmologia e metafísica, de hábitos, crenças e moralidade. Esses eram os termos reais de sua humanidade. Essas cargas, portanto, não consistiam negros isolados intelectualmente ou privados de cultura, mesmo que de seu universo anterior. A mão de obra africana trazia consigo o passado, um passado que a havia produzido e no qual estavam assentados seus primeiros elementos de consciência e compreensão (...). O transporte de mão de obra africana das minas e *plantations* do Caribe, e posteriormente ao que ficaria conhecido como Américas, significava também a transferências de sistemas ontológicos e cosmológicos africanos; pressuposições africanas de organização e da importância da estrutura social; códigos africanos que incorporavam a consciência histórica e a experiência social; e construções ideológicas e comportamentais para a resolução do inevitável conflito entre o real e o normativo (Robinson, 2023, p. 254).

E quando essa particular formação cultural se realizava em movimentos concretos de luta contra colonialismo e escravidão (em formação de classe, pois): “poderiam se converter em *Palmares*, nos assentamentos do *bush negro*<sup>1</sup> e, em seu máximo, no

<sup>1</sup> “*Bush Negroes*”, em referência às resistências de escravizados, organizadas desde bosques, nas Guianas e Suriname.

Haiti. Mas seu foco estava sempre nas estruturas da mente. Sua epistemologia outorgava supremacia à metafísica, não ao materialismo” (Robinson, 2023, p. 326).

Robinson propõe uma categoria de análise que resiste à simples negação de uma perspectiva pela outra e percebe um caminho de suprassunção que se atenta às particularidades das formas de resistências negras ao colonialismo, escravidão e racismo e de como elas remetem a tradições africanas, onde passado, presente e futuro se articulam combinadamente. Parafrazeando Robin Kelley, no Prólogo, vemos que Robinson não se interessava em saber se essas formas coletivas de luta e consciência eram ‘essencialistas’, mas sim em compreender de onde vieram e porque ainda se mantem vivas nas lutas negras, já que são práticas que de fato existem.

Acredito ser possível ler a assim chamada “tradição radical negra”, enfim, como unidade dialética entre memória africana e movimento diaspórico. Vejamos a conclusão do autor:

A tradição radical negra sugere uma contradição ainda mais completa. Na sua prática social e política, adquiriu seu ímpeto imediato da necessidade de responder às ameaças aos povos africanos típicas do moderno sistema mundial. Ao longo de muitas gerações, a especificidade da resistência, que, na melhor das hipóteses, garantia apenas uma trégua momentânea, deu lugar aos imperativos de coletividades mais amplas. Línguas, culturas e sensibilidades sociais particulares evoluíram até uma consciência histórico mundial. As distinções do espaço político e do tempo histórico desapareceram de modo a formarem uma única identidade coletiva negra única que impregna os nacionalismos. Abrigada na diáspora africana, há uma identidade histórica única que se opõe às privações sistêmicas do capitalismo racial. Ideologicamente, cimenta a dor ao propósito, a experiência à expectativa, a consciência à ação coletiva. Ela se aprofunda com cada decepção com a falsa mediação e reconciliação, e é cristalizada em núcleos cada vez maiores pela traição e repressão. A determinação da tradição radical negra avança à medida que cada geração reúne os dados de sua experiência em uma ideologia de libertação. A experimentação com inventários políticos ocidentais de mudança, especificamente com o nacionalismo e a luta de classes, está chegando ao seu fim. O radicalismo negro transcende essas tradições para aderir, enfim, a sua própria autoridade. Chegará a pontos de resistência aqui, de rebeliões ali e de movimentos revolucionários de massas ainda em outros lugares. Porém cada caso será transformado pela tradição radical negra, consciente de que não resta nada para a qual ela possa retornar. Moldada por uma experiência longa e brutal e enraizada em um desenvolvimento especificamente africano, a tradição não proporcionará nenhum meio termo entre libertação e aniquilação (Robinson, 2023, p. 549).

Mesmo não concordando com o teor acusatório das críticas de Robinson na primeira parte do livro “O Surgimento e as Limitações do Radicalismo Europeu”

que foca em demonstrar as origens de classe e raça do marxismo configurando-o como eurocêntrico, e suas imprecisões teóricas no trato de categorias centrais da obra marxiana, a perspectiva de "tradição radical negra" contribui para dialogarmos com uma tradição historicamente existente de lutas negras que participaram diretamente da particular formação de classe nas sociedades que vivenciaram a escravidão moderna e colonialismo. Ainda, contribui para sínteses com a diversidade das formas de organização políticas antirracistas se preocupando em analisar como elas realmente são, em suas contradições e formulações próprias, e não como deveriam ser desde nosso olhar de marxista revolucionário.

Reforçar o contributo de Marx e do marxismo para as lutas anticoloniais e antirracistas nos possibilita passar pelas contradições da obra de Robinson e reivindicar o que avalio ser o seu saldo positivo: concluir que a experiência própria das lutas negras carrega particularidades que tensionam as formulações marxistas de sua época.

August Nimtz traz críticas acertadas à obra de Robinson ao desvelar seus "espantalhos" que tomam o marxismo pelas suas degenerações positivistas, economicistas e burocráticas, e politicamente nos provoca trazendo que "não é suficiente afirmar a existência de uma tradição radical negra como faz Robinson. A questão chave é: qual é a sua relevância como um programa de luta para os negros hoje" (Nimtz, 2021, p. 23). Concordamos com Nimtz de que não basta olhar para o passado de nossas tradições, mas recepionar uma tradição não significa cristalizar o passado, mas partir de práticas já consolidadas na cultura política de um povo com vistas à ação radical de libertação. Não será a tradição a informar o programa, pois este se dará a partir da própria práxis negra frente às contradições materialmente existentes. Consciência e formação de classe se constituem apenas em movimento, herdando experiências de lutas intergeracionais e transnacionais, o que no caso do povo negro significa se constituir historicamente desde sua particular tradição afrodiáspórica.

Angela Davis também participa deste debate, colocando a importância da obra de Cedric Robinson para sua formação política e teórica e que as suas contradições na análise do marxismo são as contradições mesmas de qualquer intelectual negra e negro que tem o marxismo como método de análise:

Apesar de essa não ser a forma como eu pensava o meu trabalho na época, certamente que hoje não hesitaria em relacionar essa pesquisa com o esforço de tornar a Tradição Radical Negra, portanto feminista, mais visível. A nova formação de um campo científico – estudos prisionais críticos e sua estrutura explicitamente abolicionista – situa-se dentro da

Tradição Radical Negra (...) O trabalho do Cedric foi em parte inspirado pelo seu desejo de responder às limitações do nacionalismo negro dos tempos da sua (e da minha) juventude (...) Cedric Robinson nunca parou de procurar ideias, produtos culturais e movimentos políticos do passado. Tentou compreender por que razão as trajetórias de assimilação e resistência nos movimentos de libertação negra nos Estados Unidos coexistiam e as suas percepções – sobre os movimentos negros nos Estados Unidos, por exemplo – continuam válidas (...) o marxismo, na minha perspectiva, sempre foi simultaneamente um método e um objeto de crítica. Consequentemente, eu não vejo os termos “marxismo” e “marxismo negro” como opostos. Levo muito a sério os argumentos de Cedric Robinson no livro *Marxismo Negro* (...) As análises brilhantes de Cedric revelaram novas formas de pensar e agir geradas precisamente através de encontros entre o marxismo e intelectuais/ativistas negros que ajudaram a constituir a Tradição Radical Negra (Davis, 2017, p. 242-249).

Tendo a concordar com Angela Davis e com as respostas de Cedric Robinson em seu prefácio à edição de 2000 de sua obra: *marxismo negro*, ao colocar a necessidade de superação, fala-se em síntese, não em ruptura. Concordo também com as necessárias ponderações de Nimtz aos “espantalhos” reproduzidos sobre o marxismo e que a lida do “marxismo clássico” com a luta anticolonial deve ser trabalhada com o devido rigor frente à diversidade da história dos marxismos.

Com as perspectivas de “marxismo crítico” (Löwy, 2017) e de um “arquipélago de mil e um marxismos” (Bensaïd, 2022), acredito ser dever do marxista revolucionário estar atento às produções teóricas comprometidas com a necessidade de analisar rigorosamente a realidade para transformá-la. É inquestionável a importância de Robinson para visibilizarmos, no Brasil, que a intelectualidade negra radical se forma nos marxismos e se autonomiza frente as sínteses no concreto fazer da luta política antirracista revolucionária. Buscar construir mais sínteses, colocar sempre em movimento a dialética da crítica e da autocrítica, saber ouvir e aprender e defender que a centralidade da perspectiva de revolução do marxismo está na radical auto-organização dos oprimidos explorados. Só assim, colocaremos o marxismo no lugar que lhe diz respeito: como instrumento de libertação da classe trabalhadora mundial, em toda sua diversidade.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é Racismo Estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.



ANDERSON, Kevin B. *Marx nas Margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. Tradução de Allan M. Hillani e Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2019.

BENSAÏD, Daniel. O arquipélago dos mil (e um) marxismos. *Insurgência*, 2021. Disponível em: < <https://www.insurgencia.org/blog/daniel-bensaid-o-arquipelago-dos-mil-e-um-marximos>>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

DAVIS, Angela. An Interview on the Futures of Black Radicalism. In: JOHNSON, Gaye Theresa; LUBIN, Alex (org.). *Futures of Black Radicalism*. London; Brooklyn NY: Verso, 2017. p. 242-249.

DUNAYEVSKAYA, Raya. *Marxism and Freedom*. New York: Bookman Associates, 1958.

JOHNSON, Gaye Theresa; LUBIN, Alex (org.). *Futures of Black Radicalism*. London; Brooklyn NY: Verso, 2017.

KELLEY, Robin. *Freedom Dreams: the black radical imagination*. Boston: Beacon Press, 2002.

KELLEY, Robin. What did Cedric Robinson mean by Racial Capitalism? *Boston Review*, January 12, 2017. Disponível em: <https://www.bostonreview.net/articles/robin-d-g-kelley-introduction-race-capitalism-justice/>. Acesso em 16 de março de 2022.

LÖWY, Michael. Por um Marxismo Crítico. Tradução de José Correa Leite. São Paulo: *Revista Lutas Sociais*, n. 03, 1997.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico; SILVA, Jair Batista (orgs.). *Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista*. Chapecó: Coleção marxismo21, 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Escritos sobre a Guerra Civil Americana: artigos do New-York Daily Tribune, Die Presse e outros (1861-1865)*. Organização, notas e tradução de Felipe Vale da Silva e Muniz G. Ferreira. Londrina, São Paulo: Aetia Editorial, Peleja, 2020.

NIMTZ, August. Marx e Engels eram eurocêtricos? In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico; SILVA, Jair Batista (orgs.). *Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista*. Chapecó: Coleção marxismo21, 2021. p. 127-144.

NIMTZ, August. Marxismo e a luta negra: o debate "classe vs. raça" revisitado. Tradução de Mario Soares Neto. *Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 2051-2078, 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

ROBINSON, Cedric J. *Black Marxism: the making of the black radical tradition*. EUA: University of North Carolina Press, 2000.

ROBINSON, Cedric J. *Marxismo Negro: La formación de la tradición radical Negra*. Tradução de Juan Mari Madariaga. Madrid: Traficantes de Sueños, 2021.

ROBINSON, Cedric J. *Marxismo Negro: A criação da Tradição Racial Negra*. Tradução de Fernanda Silva e Sousa, Caio Neto dos Santos, Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 2023.

# Sobre o autor

**Daniel Vitor de Castro**

Doutorando em Direito pela UFMG e mestre em Direito pela UnB.